



GNOSIS BRASIL

CIÊNCIA E CULTURA DO HOMEM EM BUSCA DO SER

www.gnosisbrasil.com

Reflexões de Um Investigador

V. M. Lakshmi

Instituto Gnosis Brasil

Website: www.gnosisbrasil.com

Facebook: www.facebook.com/gnosisbrasil

Sedes Gnósticas no Brasil: www.gnosisbrasil.com/loais

Biblioteca Gnóstica (livros, áudios, vídeos, imagens): www.gnosisbrasil.com/biblioteca

SUMÁRIO

<u>Reflexões de um Investigador I.....</u>	<u>2</u>
<u>Apresentação</u>	<u>2</u>
<u>Prólogo</u>	<u>4</u>
<u>Encontro com o Silêncio.....</u>	<u>5</u>
<u>O Mundo Rechaça a Verdade.....</u>	<u>7</u>
<u>As Duas Faces da Cidade em que Vivemos.....</u>	<u>9</u>
<u>Análise e Compreensão do Caminho</u>	<u>11</u>
<u>Falando com meus Sentimentos</u>	<u>13</u>
<u>Reflexões de um Investigador II.....</u>	<u>14</u>
<u>Apresentação</u>	<u>14</u>
<u>O Sonho da Cidade</u>	<u>15</u>
<u>Minha Viagem ao Campo</u>	<u>17</u>
<u>O Mestre que Ensina a seus Discípulos</u>	<u>19</u>
<u>O Mundo das Ninfas.....</u>	<u>21</u>
<u>A Cidade da Paz.....</u>	<u>23</u>
<u>Reflexões de um Investigador III</u>	<u>25</u>
<u>Apresentação</u>	<u>25</u>
<u>A Dor Humana</u>	<u>26</u>
<u>A Contaminação.....</u>	<u>28</u>
<u>O Espaço</u>	<u>31</u>
<u>O Caminho.....</u>	<u>34</u>
<u>Às Mães</u>	<u>35</u>
<u>Reflexões de um Investigador IV.....</u>	<u>37</u>
<u>Prólogo</u>	<u>37</u>
<u>Meus testemunhos sobre o Jordão</u>	<u>39</u>

Reflexões de um Investigador I

Apresentação

Algumas Palavras para o Leitor

Quando penetramos no Templo da Mãe Natura, quando temos o privilégio de ser testemunhas fiéis dos elementos que a compõem: as árvores, as aves, os peixes, os lagartos e as outras formas de vida que não são plantas nem animais, o rio, as rochas, as montanhas, as correntes de ar e a luz do Sol que entram ao interior do bosque como gotinhas de luz para dar-lhe vida e colocar tudo em movimento.

Quando contemplamos os peixes nadando em águas mais limpas e mais nítidas que o cristal; quando nos deleitamos com as sinfonias do bosque, interpretadas por dezenas de aves e milhares de insetos que entoam o ritmo no qual a vida dança; quando o murmúrio do rio nos fala da imensidade do mar, da altura dos céus e da profundidade do bosque, porque esse é o caminho que percorreu.

Quando nos deixamos guiar pelo voo de uma borboleta e percorremos juntos o caminho que ainda não se construiu; quando fatigados nos sentamos no tronco e à sombra de uma árvore que nos cobre com sua copa benfeitora na catedral do bosque; quando reconhecemos em cada planta, em cada animal e em cada microrganismo a mesma vida que também a nós alenta...

Então poderíamos considerar-nos privilegiados porque começamos a entender os processos mais elementares que se dão em seu sono, ou seja, no ventre da nossa Mãe Natura; mas que maravilhoso seria se penetrássemos no Templo em companhia de um Mestre, que conhece os segredos que ela entesoura e nos poderia ajudar a decifrar os Arcanos que para nós não deixam de ser um mistério, ainda que nos consideremos os mais ilustrados.

A obra que tens em tua mão, amigo leitor, é um cofre encantado que contém as gemas preciosas da Sabedoria de um grande Mestre, extraídas com a serenidade da reflexão, própria de um investigador incansável, cuja única meta é o SER e por isso compartilha, dia a dia, conosco, seus discípulos, a dita indescritível que se experimenta, passo a passo, nesse ascenso indetível até DEUS.

Porém, por favor, não me perguntes quão sábio é o Autor, nem quão grande é o Venerável Mestre LAKHSMI; porque para que tenhas uma ideia, terias que acompanhá-lo uma e outra vez ao Templo da Mãe Natura, vê-lo oficiando na majestade do Altar e escutar seus sermões que, mais que um banho de sabedoria, são verdadeiras cátedras para a consciência.

Quisera de todo coração compartilhar contigo, mesmo que fosse minimamente, parte do que pude captar, aprender e absorver da fonte inesgotável de conhecimento que tem o V. M. LAKHSMI; mas tudo o que alcançaria expressar-te, seria uma deformação da realidade.

Por isso te recomendo que leias as páginas seguintes e, se logras entendê-las, voltarás a ler uma e outra vez, até que as tenhas compreendido e queiras compartilhar com outros tuas profundas reflexões, porque também te estarás convertendo em um investigador.

Eleutério Martínez

Prólogo

Ao nascer em mim o propósito de entregar esta obra aos meus leitores, e na espera de que nela encontrem uma resposta e um auxílio para livrar-se do batalhar das antíteses e impulsionar mais a carruagem do destino até a conquista do Amor do Bem-Amado Pai que habita em segredo, no coração das pessoas nobres que aspiram algum dia, não muito distante, livrar-se do julgo do tirano mundo que explora suas ideias, suas forças, para fortalecer em cada pessoa os tentáculos ou raízes para impor sua tirania, seu egoísmo e, sobretudo, a ignorância; é o momento de empreender uma nova Epifania, levando todas as pessoas pelo caminho da LUZ, da SABEDORIA e do AMOR...!!!

Encontro com o Silêncio

Em uma noite escura e solitária penetrei na selva e despertei no silêncio que ali havia e pude conversar com ele, e ele me disse: “O que buscas?” E eu lhe respondi: “Busco alguém que me faça companhia e penso que és tu”. E ele me disse: “Sim, não percebes que contigo anda a solidão e enquanto ela esteja contigo não posso acompanhar-te?” E eu lhe disse: “Ah!, mas se deixo a solidão, tu me acompanhas?” E ele me respondeu: “Se deixas a solidão, busca o silêncio que ele te guiará”. E eu lhe disse: “Mas..., por acaso não és tu?”

Então disse-me: “Sim, eu sou o silêncio, porém das noites, do campo e do espaço, e tu tens que buscar teu próprio silêncio. Ele te guiará até o que buscas”.

Eu não entendia em sua totalidade o que queria dizer-me.

Sentado em uma pedra fria e com a umidade da noite e diante de tão enigmáticas palavras fui entrando em um mundo diferente.

Observei... A solidão já não existia em mim, só havia uma intensa paz e um silêncio muito profundo e eu me disse: “Quando sair daqui encontrarei novamente a solidão, a essa personagem que é tão má companhia, aquela que faz minha mente, minhas emoções e meu instinto reagirem e que, por razões muito humanas, busco alguém que me faça companhia para falar com ele o que não devo; escutar também sua história; afastando-nos os dois desta realidade e caindo desgraçadamente na confusão de uma humanidade desenfreada, onde cada um conta uma verdade fictícia, onde cada um diz ter razão; onde se busca fazer um reino com o dinheiro, com o poder e os prazeres, fugindo da verdade por nossas debilidades”.

Eu, sentado nessa pedra fria, fazia-me todas estas interrogações e me perguntei: “Encontrarei alguém que com uma mente fria e reflexiva escute meu relato?” E a resposta que me dei foi que seria muito difícil, mas talvez não impossível e nesse mesmo instante disse-me: “Para contar este relato em meu caminho a todas as pessoas que encontre, é muito caro para mim”, e em minha imaginação criadora, disse: “Não o conto, o escrevo para que algum dia e em algum lugar esta história possa chegar às tuas mãos, querido leitor”.

Mas aqui não termina meu relato.

Depois que passaram todas as minhas perguntas, disse ao meu silêncio interior: “Olha, meu amigo, se volto em meu propósito, que dor, olha o que me espera; se sigo adiante, o que tens para acompanhar-me?” E ele respondeu-me: “Irás te encontrar contigo mesmo, com tua realidade, com a beleza de teu mundo interno, com o imperecível, e para não te roubar mais tempo te direi que, lá no fundo, encontrarás a Verdade, mas não uma Verdade fictícia, uma Verdade que te dirá o que fostes, o que és e o que serás”.

Então lhe disse, levantando-me daquela pedra fria: “Em que direção sigo meu caminho?” E ele me disse: “Não, ...fica quietinho que quando teu corpo está quieto o Espírito anda. Segue adiante!”

Voltei e sentei-me, e disse ao meu silêncio: “O que faço agora?” O silêncio não me respondeu, simplesmente indicou-me que seguisse sentindo.

De repente senti que meus sentidos e meu coração se conjugavam em um só para contemplar aquela paisagem semeada e cultivada pela Grande Realidade, fora do tempo, do peso e da distância.

Eu me dizia: “Qual será a razão que me obriga viver no mundo das formas, da densidade e do tempo?”

Nesse momento compreendi: “É que também estou submetido a pena de viver!”

Voltei e interroguei-me, e disse-me: “Se todas estas coisas belas e lindas que contemplo, a aura dos mundos, me ilumina, quem fez tudo?”

E, nesse instante, vi a essa Grande Realidade, a essa Grande Verdade que, com sua Graça e com seu Amor, enchia de êxtase e de um Samadhi sublime a parte interna de todas as criaturas que nos encontramos submetidas por nossa imperfeição aos mundos e às leis.

Adorando profundamente aquela Grande Verdade, regressei ao mundo das formas e exclamei com grande voz: “Qual é a Verdade que neste mundo discutimos?”

O Mundo Rechaça a Verdade

Depois de alguns anos conhecendo a mensagem Crística e com muita insistência tratando de difundi-la e vivendo o rechaço das massas para com ela, decidi entrar no Templo para, em oração e meditação, perguntar qual a razão pela qual a humanidade não está disposta a aceitar essa Verdade.

Passou um dia, passaram-se dois, talvez três, quando vi que na praça de uma grande cidade se amontoavam as pessoas cantando e declamando a um Rei do Mundo.

Aquele Rei tinha muitas caras, tantas quanto as pessoas que lhe seguiam.

Para cada pessoa que se aproximava, ele usava suas próprias palavras, seus próprios gestos e, por conseguinte, seu olhar.

Cada pessoa que com ele falava, expressava seu sentimento e admiração, e dizia: “Eu o entendi, com ele me sinto bem”.

Indignado e um pouco impulsivo dizia-me: “Não é possível! Não posso identificar este personagem. Quem será? Tem tantas caras! Quero falar com ele, porém... qual será seu verdadeiro rosto? Não quero que me engane como a estes pobres miseráveis que não perceberam que, com a cara que fala a uns, não é a mesma com que fala a outros”, e disse-me: “Vou falar-lhe”.

Aproximei-me... Minha saudação foi: “Como está o senhor?”

E ele me respondeu: “Muito bem, me sinto como Rei deste povo”.

E eu perguntei-lhe: “Quem te fez Rei e como me demonstras?”

E com grande orgulho e vaidade disse-me: “Me fez Rei o mundo e para cada uma destas pessoas tenho minha própria verdade”.

E disse-lhe: “Há muitas verdades? Por acaso... não há uma só?”

E ele respondeu-me: “Cada pessoa tem uma verdade, depende como lhe fale”.

E eu lhe perguntei: “A verdade, por acaso não é Deus?”

Eufórico e soberbo replicou-me: “É verdade que tu não crês que eu, para esses imbecis, não sou seu Deus? Eles fazem o que eu lhes imponho e vivem como eu quero, porque creem em mim, têm fé em mim; quando delinquem e se portam bem comigo, lhes perdoo”.

Eu lhe respondi: “Não comparto tuas ideias; tenho em minhas mãos a Mensagem Crística que redime ao homem”.

Ele, enfurecido, chamou a multidão e lhe disse: “Destruam esse imbecil que quer eliminar-me”.

Alguém se aproximou e lhe disse: “Com que arma ele quer eliminá-lo?” E ele lhe respondeu: “Com a verdade unida em uma só. Isso seria catastrófico para meu sistema. Eu manejo a ignorância das massas para que, com minhas palavras e minhas caras, as faço ver o mundo como minhas verdades”.

Eu, nesse momento, me pus reflexivo mas não derrotado.

Disse a mim mesmo: “Tenho que saber quem é este personagem”.

Fui penetrando nas esferas superiores do conhecimento e compreensão e compreendi que esse personagem manejava a política do mundo e, por conseguinte, aos políticos que, sem consciência e sem alma, enganam a um povo que se reveste com sua própria ignorância e se deixa impor, como disse um poeta, “aquelas verdades amargas que, em lugar de serem doces, são fel”.

Novamente, indignado e cheio de coragem, aproximei-me do personagem em menção e disse-lhe: “Canalha, embusteiro, mentiroso! Tu enganas este povo, esta humanidade porque não busca Deus e crê nas pessoas”.

E respondeu-me: “Isso que tu dizes é falso, porque toda esta gente busca a Deus, sim!”

E eu lhe disse: “Como o demonstras?”

E ele demonstrando seu poder sobre o povo, disse às multidões: “Meu povo! Demostremos a este imbecil e covarde onde está meu poder. Vamos a Igreja, vamos rezar e dali sairemos fortalecidos para seguir lutando e levando a este povo o poder, porque eu sou o Rei”.

Nesse momento vi as pessoas entrarem em suas Igrejas para pedir ao Deus de sua crença para que seu Rei triunfasse, e eu me dizia: “Que triste é ver uma humanidade em decadência espiritual, divorciados, em sua totalidade, desse Deus-Criador, pedindo nos altares que seu candidato ou seu rei da terra triunfe, não querendo perceber que esse personagem ou personagens estão a serviço de um reinado do mundo que é diametralmente oposto ao reinado do Cristo, que é do Céu”.

Os reis do mundo manejam a humanidade com violência, com fome, com exploração, com ameaças e com sangue.

O reino do céu maneja seu povo, seus filhos, com abundância, com Amor, com Paz e com Sabedoria...

As Duas Faces da Cidade em que Vivemos

Viajando por este longo caminho da vida, aprendendo dela o que considere que servia-me e o que poderia servir a esta irmã querida que tenho que se chama a HUMANIDADE, vi muitas coisas, como a que em meu relato lhes tratarei de ilustrar.

Entrando em uma grande cidade quis conhecer os lugares mais destacados do governo, dos religiosos e dos endinheirados.

Ficava verdadeiramente maravilhado e dizia-me: “Tantas coisas boas que se pode fazer com a vontade e o dinheiro! Que cidade tão bela! Carros de último modelo, reinados, beleza, grandes investimentos feitos para mostrar uma cidade avançada!” E dizia-me: “Se estes são atributos próprios desta cidade e destas pessoas, quero viver aqui”.

Fiz os preparativos para fazê-lo, mas disse-me: “Vou conhecer melhor esta cidade e as pessoas”.

Fui atrás do Palácio do Governo e ali vi desordem, violência e pobreza.

Fui atrás da Igreja mais luxuosa da cidade e encontrei muita gente mendigando umas migalhas de pão, sem um batismo, sem uma nacionalidade porque careciam dos recursos físicos e econômicos.

Quis visitar a prisão e encontrei centenas de pessoas que, por violarem a lei, ali se encontravam; e disse-me: “Haverá hospital?”

Busquei-o e entrei nele e encontrei um grupo de médicos lutando com centenas de doentes, porém sem recursos; isto me decepcionou e fui ao parque desta cidade fazer-me as seguintes perguntas: “Lástima desta cidade tão bela, porém sem justiça, porque o Governo não vela pelos desprotegidos! Lástima desta cidade tão bela, porém sem amor, porque os religiosos não querem ver esta miséria humana. Sem dúvida predicam em nome de Deus, ensinam seus dogmas em nome de Deus, discriminam as pessoas em nome de Deus, perseguem as pessoas em nome de Deus, caluniam as pessoas em nome de Deus, se enriquecem em nome de Deus e, o pior de tudo, é que ao ignorante lhe impõem um Deus antropomórfico como eles querem que seja e não como é!”

Vendo esta miséria humana, disse: “Como nesta cidade há tanta discriminação, vou buscar um lugar para compartilhar com os pobres umas migalhas de pão, uns remédios e sobretudo um lar”.

Para isto elegi a infância desamparada e a uns quantos deles levei desnutridos, maltrapilhos e ignorantes. Mas sabe, querido leitor, qual foi minha surpresa? Um dia qualquer alguns religiosos da cidade reagiram e se lançaram em busca daquelas crianças e as encontraram onde já tinham lar, tinham saúde, tinham alimento. Foram tirá-los alegando que lhes pertenciam por sua religião; por ser um patrimônio herdado de geração em geração, vivessem como vivessem.

Isto me chamou à reflexão e quis saber seu profundo conteúdo. Meditando e compreendendo nisto, cheguei à seguinte conclusão: “Esses personagens sustentam um império no mundo e assim como a planta do jardim se alimenta de adubo para dar flores e embelezar os campos, assim estes sistemas e pessoas necessitam do ignorante e do pobre infeliz que se debate na miséria para poderem, sobre estes escombros da sociedade, levantar e mostrar ao mundo seu imenso poder”.

Irmão leitor, a sociedade se divide em diferentes níveis e sistemas, os quais só servem para acrescentar a dor, a ignorância e a violência.

Minha reflexão é que:

“O homem sábio deve ser livre para poder guiar-se pela voz interna de sua consciência e chegar algum dia a encontrar a origem do que foi, do que é e do que aspira ser...”.

Análise e Compreensão do Caminho

Em todo este ir e vir das coisas chegaremos cada um de nós a diversas conclusões:

O mundo não está composto de um sistema senão de muitos sistemas e isto é lógico, tem uma resposta. São associações psicológicas do mundo para reunir, por afinidades, a todas as pessoas que nele habitamos.

Quando alguém compreende isto vê a necessidade de produzir, dentro de si, seus sistemas de trabalho e de vida; por conseguinte, submete todos seus atos e seus feitos à análise e à compreensão.

No caminho da vida nos encontramos com pessoas que vão e outras que vem. Nós não podemos dizer que vamos, nem que vimos. Tudo depende do que perseguimos, do que buscamos.

Em cada extremo deste caminho se encontra um objetivo do que podemos decifrar assim: “O céu ou o abismo”, portanto, quando uma pessoa vai do céu para o abismo e se encontra com outra que vai em sentido contrário, o mais usual é dizer: “Este vem e eu vou, ou vice-versa, porém... de onde vem e até aonde vai?”

Alguém sentado frente a um Altar viu que um Anjo descia e disse: “Aquele Anjo vem”, porém o Anjo, olhando a quem estava no Altar, disse: “Aquele homem vem”.

Quem ia a quem?

Querido leitor, você pode dizer que o Anjo vinha ao homem; também poderá dizer que o homem ia até o Anjo, porém a realidade é que eram duas consciências que se buscavam entre si por uma lei de afinidade.

O Demônio não pode vir até nós se em nós não existe seus Eus afins.

Nós não avançaríamos até o Demônio se em nós não existissem essas criaturas infernais que executam o mal.

Estando Shu, Kiu e Wu em profunda meditação, Shu disse: “Vou observar um pensamento”, Kiu disse: “Eu vou observar o pensador”, e Wu disse: “Interessa-me mais quem pensa”.

Quando Shu viu o pensamento, viu que flutuava sobre a cabeça de Kiu; quando Kiu quis observar o pensador, viu que flutuava sobre a cabeça de Wu; quando Wu quis observar aquele que pensava, observou que sobre a cabeça dos três divagava uma teoria, uma ideia e uma leitura.

Em qual das três está a razão?

E Shu respondeu: “Das três podemos formar uma escola. Com a teoria ensinamos o que pensar”.

Kiu disse: “Com a ideia impomos o princípio”, e Wu disse: “Com a leitura os confundimos”.

São três sábios que querendo investigar o mesmo, descobriram o assento de um dogma para pôr a raciocinar todos seus crenes.

Deixaram isto para quem não queria investigar, para que outros o impusessem se queriam e nasceu para o mundo um dos grandes passatempos sem fundamento, sem doutrina e sem Amor; e eles se disseram: “Continuemos até que tenhamos encontrado o que, em si, nos vá dar iluminação “, e Shu disse: “Quero investigar o espaço”, e Kiu disse: “Quero investigar o vazio”, e Wu disse: “Quero penetrar no silêncio”.

Shu, em êxtase, se foi ao espaço e não encontrou nada que lhe fizesse oposição e disse: “Aqui está a Liberdade”.

Kiu, em êxtase, se foi ao vazio e não encontrou oposição e disse: “Aqui está a Liberdade”; e Wu, em êxtase, se foi ao silêncio e ninguém o perturbava senão seus próprios movimentos e disse: “Aqui está a Liberdade”.

Regressaram todos de sua viagem, cada um com suas conclusões. Shu disse: “A Liberdade está no espaço”, Kiu disse: “A Liberdade está no vazio” e Wu disse: “A Liberdade está no silêncio”, e os três escreveram:

“O Espaço nos dá a Liberdade, o vazio nos dá a Iluminação e o Silêncio nos dá a Integração com Deus”.

Falando com meus Sentimentos

Meditando nestas coisas da vida, quis decifrar meus sentimentos e descobrir o que busco, o que quero e, sobretudo, o que me serve, porque acredito que todos os meus semelhantes também buscam no enigmático da vida algo que lhes responda a isso que nem os pensamentos, nem os sentimentos lhes deram.

Subi as montanhas e andei nas planícies; li na história as façanhas dos Próceres; conheci a amargura dos mais desventurados e, por fim, me convenci que ninguém me daria a resposta que minha consciência necessita.

Foi assim que resolvi sentar-me às margens de um riacho cristalino e puro para vê-lo deslizar, produzindo seu natural arrulho.

Dentro dessas águas se moviam centenas de peixinhos que, sem raciocinar em nada, ali se alimentavam e eu me disse: “Por que serei assim como sou, tão racional, tão pessimista e sobretudo com tão pouca fé?”

Resolvi lançar-me às águas e nadar como os peixes.

Tomei e tomei tanto delas que saciei minha sede. Logo saí dali e empreendi minha viagem à montanha por um caminho rochoso e difícil, tentando chegar até o cume e dali divisar as planícies e também elevar-me até o espaço como as aves voadoras e contar a todos os que encontrava que se tomassem das águas puras desse rio, acalmariam a sede para sempre e poderiam empreender a viagem à conquista das alturas; compartilhar com as aves voadoras; extasiar-se com o perfume dos campos e presenciar o amanhecer de um novo dia.

Nessa viagem longa e sem regresso, conversar frente a frente com a terra, com as águas, com o ar e com o fogo e dizer-lhes que deles sou parte, mas que, por vontade divina, me elevarei às esferas e tocarei a harpa cantante que me dará as notas de minha orquestrada voz e com este arrulho elevarei minha alma até os pés do Arquiteto dos dias... DEUS!

V.M.LAKHSMI

Reflexões de um Investigador II

Apresentação

A presente obra intitulada “Reflexões de um Investigador II”, do V.M. Lakshmi, nos traz à memória a recordação de nossa infância quando nossa mãe física nos contava as fábulas das “Mil e uma Noites” e nós íamos com a imaginação aos lugares descritos pelo Autor.

Não nos cabe a menor dúvida de que os ensinamentos dados através dos relatos, chegam mais facilmente à compreensão do leitor e é verdadeiramente maravilhoso saber que existe alguém no mundo capaz de entrar no mundo da Mente Cósmica para extrair da Inteligência Universal os ensinamentos que, com tanto amor e ternura, o V. M. Lakshmi nos traz para incentivar e cultivar nossa consciência que, como uma criança, espera todos os dias esse estímulo e orientação para poder crescer e sentir-se cada vez mais integrada com a natureza, com o homem e com o meio que a circunda.

A experiência que nos mostra a vida com relação ao V.M. Lakshmi, nos faz comprovar que quando um indivíduo integra em si as diferentes partes autônomas de seu próprio Ser, e, sobretudo, encarna o Buddhi, ou Alma Feminina, o tipo de manifestação, de expressão e comportamento muda radicalmente e por isso sentimos em nosso interior a grande Realidade da formosa frase do V. M. Lakshmi, que diz:

“Se há uma coisa pela qual bem vale a pena viver e lutar é pelo SER”.

Juan Capasso

O Sonho da Cidade

Em uma noite qualquer, quis percorrer a cidade para conhecer o que ali havia. Andei pelos parques, pelos bairros, pelas ruas e observava as pessoas.

Cada qual com sua história, cada qual na sua e eu me dizia: “Esta cidade dorme porque amanhã haverá muita atividade”. Avancei até onde havia muitos personagens destacados dentro da sociedade. Os encontrei brindando pelos prazeres.

Foi muito fácil distingui-los e identificá-los pelo desperdício das palavras e de dinheiro, e eu dizia-me: “Estas pessoas amanhã estarão em seus escritórios atendendo às necessidades do povo. Que atitude terão ante o clamor dos necessitados?”

Não tive nenhuma explicação. Fui novamente ao parque, sentei-me para observar o que acontecia, quando vi que vinha um personagem e vendo-me nesta atitude serena, se aproximou e disse-me: “O que fazes aqui?” E eu lhe disse: “Observando as pessoas que desde cedo se recolheram aos seus lares para seu descanso, e observando a tantas outras compartilhando seus prazeres com seus amigos”. E o personagem me disse: “Por que tu não fazes igual? Por acaso não sabes que a noite nos brinda muitas oportunidades que devemos aproveitar?”, e eu lhe disse: “Quais são essas oportunidades?” E ele me disse: “Milhares de pessoas se vão ao seu refúgio cedo para ver seu programa favorito; outros a satisfazer seus prazeres; outros a contar seus dividendos. Isto se chama sonho, e não há coisa mais linda que sonhar. Outros se vão à rua, sobem e descem, olhando o descuido de um adormecido para conseguir seu pão de cada dia, que seria o fruto de dois sonhadores; outros nos cabarés compartilham um copo de vinho para logo entregarem-se à embriaguez de suas paixões em profundo sono, por isso me chama a atenção tua atitude. Não percebeste que alguém quando dorme sonha e desfruta de suas próprias fantasias?”

Eu lhe respondi: “Eu não quero dormir mais para não sonhar”. E ele me respondeu: “Isso não podes fazer porque o sonho é tua própria necessidade”. Eu lhe disse: “Quando a consciência se emancipa, o sonho não se apresenta porque o sonho da consciência é próprio de pessoas que andam fascinadas pela ilusão passageira deste mundo”. E ele me disse: “Se tu insistes em tua vaidade fantasiosa, te lançarei todo meu feitiço e te produzirei um sono tão profundo, pior que o destes outros”. E eu lhe disse: “Tu contra mim, não podes, porque eu tenho vontade para interpor-me ante ti, inteligência para detectar teu engano e compreensão para saber o que devo fazer!”

O personagem guardou um pouco de silêncio e me disse: “Sei que contra ti não vou fazer nada, mas, por favor, não o digas a estes que andam adormecidos porque esta cidade é minha e eu produzo nela e em sua gente os sonhos que lhes permitirão desfrutar da vida sem abster-se nem privar-se dos prazeres e de tudo o que eu lhes brindo para que cada quem viva feliz. Sou o dono da cidade e por isso nas noites ando pelas ruas olhando como as pessoas, sem me conhecerem, me obedecem, como, sem falar-lhes, me compreendem, porque meu feitiço lhes envolve a consciência e, dessa forma, sempre exercerei sobre elas minha própria vontade”.

Eu, nesses momentos, sentia-me compungido e dizia: “A qual destas pessoas poderei contar esta história? Qual delas me escutará para que compreenda que nesta cidade todos dormem?”

Dirigi-me ao campo e dali observava as luzes do povoado e dizia-me: “Que dor, tantas luzes que existem ali iluminando os sonhos das pessoas!” E, nesse momento, compreendi e disse-me: “É com razão que as pessoas, porque abrem os olhos e veem, acreditam que andam despertas”.

Minha Viagem ao Campo

Em um dia de primavera saí à rua e vi tanto ir e vir, casas, ruas, edifícios, carros, pessoas convulsionadas por seus afazeres e me disse: “Nesta cidade me sinto bem, mas não quero fazer o que estes fazem, não tenho porque andar depressa, não tenho porque cruzar-me ante o afã que as pessoas carregam. O que fazer? Onde poderei estar tranquilo?”

Pensei em uma Igreja, mas me disse: “Ali também existem muitas pessoas pedindo a Deus que lhes perdoe o que eles não querem corrigir. Encontro a um sacerdote disposto a perdoar meus piores erros, onde talvez nem ele foi perdoado”.

Pensei em ir ao meu quarto, à minha recâmara, guardar silêncio e estar quieto, mas disse-me: “Que graça tenho eu vivendo em paz enquanto a pobre humanidade vive em uma guerra psicológica?”

Pensei buscar umas pessoas para compartilhar com elas minhas ideias, mas disse-me: “Quando aquelas pessoas escutarem meu relato vão me dizer: Onde podemos ir para encontrar paz?” Claro está que eu não vou ter uma resposta. Necessito primeiro conhecer esse lugar, e disse-me: “Vou ao campo”.

Saí da cidade, penetrei na planície, encontrei muitos animais que comiam e viviam na planície.

Continuei minha viagem até introduzir-me na selva. Ali encontrei rios de águas cristalinas deslizando para banhar os campos; encontrei árvores floridas, palmeiras e dizia-me: “Que lindo tudo isto! Parecia que alguém os cultivou”.

Cansado, resolvi descansar encostado em uma enorme árvore. Chegava o sono quando senti que alguém me movia e vi uma criatura de indescritível beleza que queria falar-me mas que, por vez, expressava-me medo, e eu lhe disse: “O que queres?” E ela respondeu-me dizendo: “Quero que diga-me o que devo fazer, porque esta árvore é meu corpo físico, eu o quero muito e o necessito, mas me contaram que a este campo sempre que chega um homem, é para derrubar as árvores, para cortar as plantas e temo que você seja um deles”.

“Quisera, já que você está aqui e podemos conversar, que me dissesse por que se faz isto se nós, as árvores, as plantas, como os homens, também queremos e necessitamos viver, sentimos terror e dor quando nos destroem; sem dúvida, não guardamos ódio nem ressentimento por isso, já que a nós, nos campos, nos ensinaram que o homem é o Rei, ao qual devemos obediência e respeito”.

“Como tu és um deles, te peço que fales com os homens e diga-lhes que nós, nos campos, os amamos muito, os queremos e os respeitamos e portanto, o direito e o poder que exercem sobre nós as árvores e as plantas, não o exerçam para destruir-nos senão que nos cuidem, que se nos façam respeitar para que as selvas e os bosques acompanhem o homem em sua viagem; para que a confusão das cidades, o afã e a insegurança seja compensada com a tranquilidade, a paz e a segurança do campo”.

Disse-lhe: “Tratarei de fazer e cumprir tuas recomendações, mas o que faço com as pessoas que não me escutam e não me obedecem?” E ela disse: “Bom... o que fazer! Que eles nos destruam! O importante é que tu não o faças, que já compreendeu que somos teus irmãos menores, que aspiramos cumprir com a Lei da Vida e com a Lei de Deus”.

“VIVER PARA SERVIR”

UMA ÁRVORE!

O Mestre que Ensina a seus Discípulos

Estava o Monastério em uma grande atividade. Os monges viviam atentos aos ensinamentos do Mestre. Um dia qualquer se levantaram todos e esperaram, como era costume, que o Mestre saísse para saudá-lo e perguntar-lhe o que necessitava.

Passaram as horas e o Mestre não saía até que um monge disse: “Vamos ver o que aconteceu”. Entraram em sua recâmara e fazia muito frio.

Ao sair disseram: “Que estranho, o Mestre está meditando e está despido”. Alguém disse: “Será que passa mal?” Outro disse: “Possivelmente quis sofrer sua matéria com o frio que faz”.

Nesse momento saiu o Mestre e todos lhe disseram: “Bom dia!” Ele não respondeu. Voltaram a dizer: “O Mestre está mal”.

Alguém se aproximou e lhe disse: “Mestre, o que lhe aconteceu?” e o Mestre lhe disse:

“Compreendi que meus discípulos vivem porque eu vivo, comem porque eu como, andam porque eu ando; mas quando olho ao céu, eles olham à terra; quando empreendo viagem ao infinito, só me olham ir; quando eu regresso, eles se vão. Não entendo esta atitude”.

Disseram-lhe os monges: “O que devemos fazer?”

O Mestre disse: “Vamos à fonte, tomamos dela e nos banhamos”.

Alguns discípulos disseram: “Eu não tenho sede, e com este frio não quero banhar-me”. Sem dúvida, foram à fonte com o Mestre. Quando regressaram dali lhe disseram: “O que mais faremos, Mestre?”

O Mestre olhando ao redor disse-lhes: “É necessário limpar o Monastério”, e todos contestaram: “Já está limpo”. E voltaram a dizer: “O que mais faremos, Mestre?” E o Mestre disse-lhes: “Tomem posição cada um, guardem quietude, guardem silêncio porque necessitamos fazer tudo, já que não começamos. Lembrem-se, meus queridos discípulos, que o que nada faz, nada lhe resta sem fazer”.

Os monges não suportaram este ensinamento porque não o entendiam e lhe disseram em coro: “Mestre, este ensinamento não o havíamos escutado. Queremos conhecê-lo. Por que nos manda beber da fonte sem termos sede? Por que nos manda banhar-nos com tanto frio? Por que nos manda limpar o Monastério se está limpo? Por que nos manda ficarmos quietos tendo tanto trabalho e nos diz que aquele que nada faz, nada lhe resta sem fazer?”

O Mestre lhes disse: “Filhinhos meus, vós não tendes sede porque a água que tomaram foi para satisfazer as necessidades do corpo, mas vossa alma não sacia a sede senão com as águas cristalinas de vossa própria fonte; vosso corpo tem frio porque não se banharam com as mornas águas de vosso manancial; o Monastério o vedes limpo porque não haveis tirado o lixo que existe em vosso interior; diz que tendes muito o que fazer porque a mente lhes impõe seus trabalhos; não quereis compreender que, quando estais quietos e em silêncio, vedes vossas necessidades interiores e podeis ordenar vossos trabalhos e afazeres”.

Nesse momento todos os monges se sentaram em perfeita quietude. O Mestre observava. Era noite. Em pouco tempo o Mestre saiu com uma vela acesa e a entregou a cada um, menos a um deles.

Eles receberam sua vela e disseram-lhe: “Para que isto?” E ele lhes disse: “Meus filhos, lamento que em sua quietude e em seu silêncio não olharam para dentro, só olharam para fora, portanto, tomem esta vela para que iluminem seu caminho e sigam pela vida”.

E disseram-lhe: “E a este, por que não lhe dá a vela?”, E o Mestre disse: “Porque ele olhou para dentro e não lhe interessa seguir pelo caminho que até hoje havia andado. Ele já tem sua luz e, portanto, tudo o fará bem”.

O Mestre se retira à sua recâmara e toma a mesma atitude. Quando os monges foram vê-lo, o encontraram meditando, sentado e despido e disseram: “O Mestre ao despertar vai dar-nos outros novos ensinamentos, amanhecendo o novo dia”.

O Mestre se levantou na hora de costume. Os monges o saudaram e ele lhes respondeu: “Aqui estamos convosco para começar de novo, porque assim como as aves vivem cada dia dos frutos do campo e da graça de Deus, nós também devemos viver dos frutos de nossos vinhedos e da graça de Deus. Como nossos vinhedos não dão frutos mas temos a graça de Deus, vamos semear novas sementes de vinha, de figueira e de trigo, mas, até que não haja frutos destes semeados, não poderás comer nenhum fruto e terão que sustentar-se da graça”.

Os monges disseram entre si: “Esses frutos demoram muito para produzir e morreremos de fome”, e o Mestre disse: “Nunca um Caminhante do Sendeiro da Redenção morrerá de fome, porque nele sempre haverá uma esperança, uma fé e uma vontade que quer dizer DEUS!”

O Mundo das Ninfas

Estando no bosque dos campos floridos, querendo investigar o que ali havia, ao ver que só escutava o canto de umas poucas aves que diziam súplicas dirigidas ao espaço, aos campos, à rainha do lugar, eu me dizia: “Estas aves cantam, voam e vivem felizes. Aqui neste campo eu me sinto só, sem inspiração para cantar e sem com quem compartilhar”. E comigo mesmo, dizia: “Pode ser que estes campos tenham uma alma a qual eu possa perguntar os mistérios que isto encerra”.

Me era muito difícil penetrar até este mundo, porém com minha inspiração, minha fé e minha vontade fui conseguindo.

Primeiro apareceu-me uma estranha criatura que, com sua voz entrecortada, dizia-me: “Eu vivi nestes campos muito tempo acompanhando estas criaturas que aqui habitam porém tenho a alma desgarrada de ver que aqui se sofre também, se luta muito para poder sobreviver; sem dúvida com Amor o temos feito em obediência a uma Lei da Natureza”.

Guardou um pouco de silêncio e eu lhe disse: “Por que te sentes compungida e triste?” E ela me disse: “Temos sido perseguidos, temos sido maltratados e muitos de meus companheiros foram mortos deixando seus filhinhos sozinhos à mercê da miséria, da fome e da morte...”.

Guardou silêncio e compreendi que sua dor lhe impedia de seguir narrando esta história e eu lhe disse: “Não entendo, quem os perseguia aqui neste bosque, neste campo, nesta distância?”

De certa forma recusava responder-me, porém continuou dizendo: “Não protesto contra os que fizeram, te digo que os homens, nossos irmãos maiores, nos matam, nos destroem sem misericórdia e tivemos que distanciar-nos, deixando estes campos para recluir-nos em lugares mais seguros”.

Eu compreendia a dor que me reprimia e disse-lhe: “Seria possível que você me ajudasse para poder conversar com outras mais?”, e disse-me: “Sim, eu peço a condição de que você nos ajude a conservar estes campos e a todos os que aqui vivemos, já que é nossa casa, nosso lar, onde nos sentimos bem”.

Disse-lhe: “Falemos com os demais”. E ela exclamou com grande voz um som maravilhoso que eu entendia o que dizia: “Ninfas do Campo! Rainhas do Bosque! Venham aqui para que conversemos”.

Apareceram milhares de criaturas de diferentes estaturas, algumas, com sua voz entrecortada, respondendo ao nosso interrogatório. Que surpresa a minha! Quando, ao narrar sua história, diziam-me algumas delas: “Eu era um ursinho brincalhão que andava com minha mãe. Quando chegou o caçador, minha mãe fugiu. Eu não o pude fazer. Fui alcançado e morto”.

Outra toma a palavra dizendo igualmente: “Eu era uma gazela. Eu me divertia cruzando a planície com grande velocidade, porém o homem caçador me vigiava até que me matou”.

Continua aparecendo as histórias e chega uma e diz: “Eu era um golfinho que brincava entre a águas. Com meus companheiros embelezava a paisagem, porém uma bomba estourou matando-nos a todos”.

Eu me dizia: “O que acontece agora que estas criaturas não têm corpo físico? São elementais que vivem no mundo do mais além”. Quis perguntar a um deles: “O que vais ser agora?” E ele me disse: “Não sei, pergunta ao meu Deva que eu também quero saber”.

Dirigi-me ao personagem com o qual comecei a conversação e disse-lhe: “O que vai acontecer com aquele que era um ursinho brincalhão, vai voltar a ter um corpo físico?” E o Deva me respondeu: “Pode ser que sim mesmo que sua espécie esteja extinguindo-se e não pode vir em outra espécie”.

Perguntei-lhe: “E este que era a gazela voadora, voltará?” E o Deva me disse: “Praticamente impossível porque essa espécie também se extinguiu”. E disse-lhe: “O golfinho brincalhão, voltará?” Ele me disse: “É possível, mesmo que estes rios já estejam contaminados e os homens exterminam o que veem”.

Nesse momento, ao ouvir o interrogatório, se aproximaram milhares de criaturas onde estava o Deva e disseram-lhe: “Ou seja, todos os que fomos mortos já não voltaremos mais?” E o Deva respondeu: “Enquanto os Irmãos maiores, os homens, não deixem sua perseguição contra nós será muito difícil, porque não há um lugar seguro onde não cheguem para destruir”.

Com estas palavras se estremeceu o bosque, as nuvens se aglomeraram, se ouviam trovões e rugiam os bosques como querendo dizer: “Vamos proteger o bosque com suas vidas para que o homem não as continue destruindo”.

Eu me dizia: “Se os homens não matassem as vidas nestes campos quão diferente seria!” E disse-me: “Como fazer para viver aqui, em companhia de todas estas vidas que creio são minhas amigas?” E exclamei com grande voz, dizendo: “Quero saber se todas estas criaturas que aqui habitam, querem que eu esteja com elas”.

Comecei a sentir aromas de diferentes classes; corria um ar puro; as árvores se moviam como querendo dizer que se sentiam felizes, e eu me disse: “Quando era criança e entrava-me no bosque sentia estes aromas, ouvia o silêncio, as árvores se alegravam, porém quando tornei-me grande estes fenômenos se distanciaram de mim”. E disse: “Por que aconteceu isto?”

E uma grande voz que representava o bosque me falou: “Quando eras criança, eras inocente e são; quando te tornaste grande, por imitar aos outros, também nos perseguiste e nos mataste e hoje, que mataste estes instintos, voltas a nós e nós vamos até ti, portanto, digas a teus irmãos, os homens, que enquanto não tenham mente como mente de criança, não conhecerão os mistérios do reino dos céus”.

O BOSQUE !

A Cidade da Paz

Depois de ter passado muitos anos andando pelo mundo, conhecendo pessoas, conhecendo cidades e povos sem haver encontrado uma sociedade tranquila, uma cidade em paz, resolvi estudar os códices mais antigos da sabedoria oculta para saber se ali encontraria alguma orientação para buscar um mundo novo, uma sociedade em paz e, sobretudo, uma cidade tranquila.

Encontrei algumas chaves porém, em todas diziam-me que o mundo se encontrava descomposto porque eu andava assim; que a sociedade andava mal porque eu andava assim; que não havia nenhuma cidade tranquila porque em minha mente não havia paz.

Entrei em uma grande confusão e disse a mim mesmo: “Quando transformarei o mundo? Quando se transformará a humanidade? Quando se transformará a cidade para eu viver em paz?” Minha resposta foi: “IMPOSSÍVEL!”

Empreendi um caminho que uns diziam que me levaria ao mar; outros diziam que este caminho me levaria a uma grande cidade; outros diziam não saber onde ia e eu disse a mim mesmo: “Seguirei este caminho até ver onde termina”.

Muito adiante, encontrei-me com uma anciã e disse-lhe: “De onde vens?” E ela me disse: “Busco a um filho que há muito tempo anda viajando e quero encontrá-lo para levá-lo para viver comigo”.

Eu disse: “Esse filho, estará por estes lados?” E ela disse: “É possível, porque este é o único caminho que vem do mar, de onde ele um dia veio”.

Lhe disse: “Que distância tem daqui ao mar?” E ela me disse: “Está aqui mesmo, atrás desta montanha”. Eu disse-lhe: “Continuarei meu caminho”, e ela respondeu-me: “Iremos os dois porque intuo que esse filho és tu que já não me conhece”.

Fomos os dois até o mar e me disse: “Aqui vivíamos os dois, mas você saiu e empreendeu sua viagem. Eu lhe esperei muito tempo até quando resolvi ir buscá-lo. Eu ia e tu vinhas porque essa era a vontade dos dois. Quero que bebas destas águas até que sacies tua sede”.

Eu lhe disse: “O que tenho que fazer?”, e ela me disse: “Necessitas um ATANOR para que te ajudes a beber as águas, logo empreenderás este caminho até subir essa montanha. Dali divisarás o caminho que hás de seguir para conseguir a paz”.

Eu lhe disse: “Estranha mulher, quem és tu?”, e ela me disse: “Sou a Mãe do oceano”. Eu lhe repliquei: “Como é isso que antes disse-me que era minha mãe e agora me diz que és a Mãe do oceano?”, e ela me disse: “Por acaso ignoras que tu e o oceano são irmãos, e que ele foi primeiro que tu e tu emergistes dele?”

Eu, sem entender tão enigmáticas palavras, disse-lhe: “Mulher, por que não me acompanhas pelo caminho que me assinalou?”, e ela me disse: “Já havendo tomado desta água, podes percorrê-lo só, porque não vais ter fome nem sede e não esqueças que, ao subir a montanha, encontrarás a Cidade da Paz. Lá está meu esposo que, ao chegar, te reconhecerá”.

Eu, um pouco confundido porque não entendia, empreendi esta estranha viagem. Ao começar a subir, fui ficando encantado porque encontrei pedras preciosas de variadas cores e dizia-me: “Que estranho! Sendo este um caminho onde passam muitas pessoas, não as levaram”, e neste momento escutei uma estranha voz que dizia-me: “Por este caminho ninguém mais que tu passou. És teu caminho, não o de outros, e essas gemas representam tua Alma”.

Continuei minha viagem. Ao chegar em cima da montanha, divisei aquela grande cidade e disse: “Quero chegar rápido lá”. Avancei até que cheguei a um lugar onde haviam uns poucos cães raivosos, que guardavam a entrada da cidade.

Ao sair o guardião que guardava a entrada, disse-me: “Não te aproximes porque estes cachorros te podem destruir”. E eu lhe disse: “É que vou à Cidade da Paz”, e ele me respondeu: “Para passar daqui tens que mudar tuas roupas”. E eu lhe disse: “Não tenho mais que a que levo posta”, e ele me respondeu: “Fazem muitos séculos passaste por aqui e deixaste guardadas tuas roupas com as quais vivias na Cidade da Paz. Te as trarei”.

Que surpresa a minha, quando vi que a anciã, Mãe dos mares, que havia ficado no mar, me passava uma estranha veste e eu lhe disse: “Mãe! Como fizeste para chegar aqui?”, e ela me respondeu: “Não te espante, é que meu caminho é mais curto. Tira essa roupa que tens, te banhas neste regador, coloca este traje e segue teu caminho”.

Eu assim o fiz e logo lhe disse: “O que faço com a roupa que trazia?”, e ela me respondeu: “Lance-a aos cães para que a devorem e segue teu caminho”.

Passei o umbral da cidade. Logo comecei a transitar por suas ruas. Vi umas quantas pessoas, mas que estranho! Tinham o mesmo rosto, a mesma estatura, a mesma idade.

Aproximei-me de um deles e disse-lhe: “Como vai, senhor?”, e ele respondeu-me: “Aqui vivemos bem e em paz”.

Meu assombro era espantoso. Avancei muito ao centro da cidade e quis interrogar a outro personagem e ele respondeu-me igualmente: “Aqui vivemos bem e em paz”. Perguntei-lhe porque nessa cidade todas as pessoas tinham o mesmo rosto e ele levantando-se assinalou-me o púlpito do Templo que ali havia e disse-me: “Pergunta àquele ancião que está lá qual é a razão deste fenômeno”.

Fui ao Templo e encontrei um venerável ancião, mas que tinha o mesmo rosto dos outros e lhe disse: “Ancião, como o senhor está?”, e ele disse-me: “Aqui vivemos em paz”. Disse-lhe: “Por que nesta cidade todas as pessoas têm a mesma semelhança, o mesmo rosto?” E ele me respondeu: “Não percebes que até tu és igual?”

Nesse momento frente a mim havia um espelho e observei-me com o mesmo rosto e idade dos demais e exclamei com grande voz: “Meu Deus! Por que este fenômeno?”, e o ancião se aproximou dizendo-me: “Meu Filho, esta é a Cidade da Paz, do Amor. É a cidade onde habita a Unidade Múltipla Perfeita”. DEUS!

V. M. LAKHSMI

Reflexões de um Investigador III

Apresentação

O presente folheto, titulado “REFLEXÕES DE UM INVESTIGADOR III”, é a continuação de uma série de pequenas obras que o V. M. Lakshmi está apresentando-nos, sob forma de relatos, diferentes realidades de nosso mundo, costumes e facetas da sociedade que estão continuamente ao nosso alcance no diário viver, mas que raras vezes trazemos à nossa análise e estudo por estarmos submergidos na mecânica que identifica a vida da época atual.

Não há dúvidas de que o Mestre com o estilo que o caracteriza sabe levar-nos, através da imaginação, aos lugares por ele descritos para nos conscientizar dos distintos acontecimentos que acontecem em nosso planeta para que possamos integrar-nos cada dia, com mais compreensão e amor, aos fatos e realidades que nos circundam e que sendo maus ou bons, no fundo fazem parte também do conjunto dos acontecimentos de nosso universo interior.

Juan Capasso

A Dor Humana

Desde minha idade prematura venho vendo o quão difícil é a vida para muitas criaturas que nascem em meio de situações verdadeiramente lamentáveis, não estou referindo-me somente à pobreza, mais que tudo refiro-me à irresponsabilidade de quem assume a dura responsabilidade de trazer filhos à terra.

Espero, querido leitor, que abras teu entendimento e teu coração para que escutes meu relato.

Qualquer dia de minha vida quis penetrar no mundo destes necessitados humanos, andei pelas ruas, vi muitas pessoas passarem; cada qual falava do seu, de seus negócios, de suas necessidades, de seus projetos; isto eu via como normal, ou seja, não despertava-me ainda nenhum interesse por saber do problema de cada pessoa em especial; fui entrando mais, até certos lugares onde se via desordem por todos os lados, lixos, barracões muito desarrumados, animais famintos, ou seja, um verdadeiro caos e eu dizia a mim mesmo: “Estas pessoas, por que viverão assim? Será um castigo de DEUS? Será por que não trabalham?”

Toda esta série de perguntas vinha a minha mente enquanto andava por estas desordenadas ruas.

Comecei a ver crianças desnutridas, desnudas, sujas, quis retroceder, voltar para não ver isto, mas disse-me: “O que será de mim que não me sinto capaz nem sequer de observar isto? Como serão estas criaturas que o vivem?”

Aproximei-me de uma pequena palhoça e vi umas crianças deitadas no piso, desnudas, uma parou ao ver-me, três ficaram no piso querendo fazer calar o choro de uma de apenas poucos meses. Interroguei a que parou ante mim e lhe disse: “Por que estão sozinhos?” e ela respondeu-me: “É que não temos pai porque ele se foi e nos deixou sozinhos, minha mãe sai para trabalhar e até que regresse não comemos”.

Nesse momento dizia-me: “O que poderei fazer por estas crianças?”, mas interessava-me muito conhecer mais a fundo seu problema, voltei e disse-lhe: “Para onde foi seu pai?”, e ela respondeu-me: “Conseguiu uma mulher que disse que o amava e se foi com ela”, bom, e disse-lhe: “E em que trabalha sua mãe?”, e a criança respondeu-me: “Ela vai para a rua buscar homens que lhe deem trabalho”, e eu disse-lhe: “Sim? A buscar homens?”, e ela respondeu-me que sim. “Que tipo de trabalho lhe dão?” E ela disse-me: “Não sei, só nos disse que graças a esses homens ela ganha uns poucos centavos para dar-nos uma comida no dia, porque aqui chega tarde e vai cedo...”, e disse-lhe: “E quem lhes vê a roupa e as demais necessidades?”, e ela me disse: “Não temos roupa e a que chegamos a ter, não nos colocam para que não a sujemos porque ela não tem tempo de assistir-nos...”.

Momentos dilaceradores vivi em meu coração vendo este drama e pensei: “Esta deve ser uma exceção que há neste povo de uma família tão desgraçada, vou ao outro lado onde veja cenas menos angustiantes”, e saí.

Não sabia como andava porque minha dor era muito grande...

Passando frente a uma humilde palhoça aproximei-me dela e saudei, saiu uma mulher grávida, suja e esfarrapada, atrás dela saíram cinco crianças dizendo-lhe: “Mamãe não saia, não vá!” Eu disse-lhe: “Senhora, como vai?” E ela respondeu-me: “Bem, senhor”. E disse-lhe: “A senhora vive aqui com estas crianças, ou está de passagem?” Disse-me: “Eu vivo aqui”. E dizia a mim mesmo: “Como vive uma família neste lugar? Desprovida de todo recurso humano? Que dor!”, disse-lhe: “Onde está seu esposo?” Disse-me: “Ele trabalha na rua, mas não regressou porque ontem lhe pagaram e foi para a rua beber; o que ganha bebe em licor”.

Estávamos neste diálogo quando se aproximou um homem todo descomposto, bêbado, lançando insultos contra essa mulher, maltratando em palavras e em atos às crianças e dizendo-lhes: “Esta casa é minha e vocês irão para a rua porque necessito estar tranquilo e dormir em paz”.

Retirei-me ao centro da rua, olhei ao meu redor e tudo o que pude ver era igual e disse-me: “Meu Deus! Será que o inferno é pior que isto?”

Fui retirando-me pouco a pouco com minha alma desgarrada de ver tanta dor...

A medida que saía ia vendo que tudo mudava, casas melhores, gente bem vestida, carros último modelo, ou seja: como se fosse saindo para um mundo diferente onde não havia tanta dor, tanta miséria.

Avancei ao centro da cidade e este panorama mudou totalmente ante meus olhos e eu disse a mim mesmo: “Se toda esta humanidade que sobe e desce por estas ruas fizesse um pouco de consciência e todos unidos nos propuséssemos a ajudar estas crianças órfãs e a estas mães abandonadas, mudaríamos um pouco dessa face oculta que esta cidade possui”, e voltava e pensava: “Até quando a infância terá que suportar esta infâmia de tanto pai irresponsável que assume a responsabilidade de um lar, que se põe a trazer filhos à terra sem compreender que essas criaturas necessitam de pão, de abrigo e sobretudo do amor de seus pais e o justo reconhecimento da sociedade que, mesmo sendo estas crianças pobres e ignorantes, deve ver nelas homens e mulheres que são parte da sociedade e que amanhã ou depois serão os homens e as mulheres que também estarão à frente do destino da Pátria!”

É necessário ver às crianças de qualquer nível social como nossos irmãos, como nossos filhos, como nossos amigos e sobretudo como filhos de DEUS.

A Contaminação

Uma noite encontrava-me em uma colina e dali observava várias cidades, campos, montanhas e eu, alegre e feliz, movia-me para todos os lados, respirava ar puro e, em minha imaginação criadora via muitas criaturas que se moviam no espaço, cheias de alegria e disse a mim mesmo: “Que planeta tão belo em que vivemos, onde podemos compartilhar com todas as criaturas que fazem parte da criação”.

Concentrei em uma montanha e sentia o rugir de seu silêncio, o movimento das árvores e disse: “Aquelas criaturas vivem em paz!” Voltei meu olhar a uma daquelas cidades e também ouvi um rugido porém muito diferente, quis detalhar... O que era?...

Era o som dos carros que subiam e desciam, de enormes máquinas que, sem respeitar o silêncio da noite nem o sono das pessoas, produzem essa desordem auditiva, mas aí não terminou meu assombro...

Penetrei nesse estrondoso ruído e encontrei algo mais desagradável: aparelhos de música em altíssimo volume produzindo discordância nas notas musicais de nosso afligido universo, música de características diabólicas e dizia-me: “Que dor! Que tristeza!”

Nos antigos tempos se escutavam as músicas folclóricas que alegravam o coração humano, que o convidavam a compartilhar amenamente em família e entre amigos; se escutavam também as sublimes notas da música de câmara, as sinfonias dos grandes clássicos que extasiavam a alma e arrulhavam na ternura de Deus.

Começou a manifestar-se em mim certa tristeza de ver uma cidade convulsionada nestas coisas e falei: “Vou chegar até lá”.

Entrando na cidade, encontrei um grande rio, pareceu-me formoso, belo. Escolhi uma das pedras que estavam a sua margem, sentei-me nela para ver correr a água e para ouvir seu arrulho, fui entrando em um êxtase deleitoso e nele me disse: “Estes rios devem ter alguém que lhes dá vida, que cuida deles, ou seja, sua Alma, quero falar com esse Ser”.

Pronunciei algumas frases que considerei que trariam a minha presença a Alma desse rio. Que surpresa a minha! À distância aparecia uma luz de uma beleza indescritível; essa luz encontrava-se, precisamente, em uma selva onde nascia esse rio, essa luz foi se aproximando, descia pela mesma direção do rio, mas...que estranho, sem brilho! E eu me dizia: “Será que minha vista se escurece?” Mas não era assim...

Fui me aproximando da luz até que à pouca distância da cidade, naquela noite silenciosa e estrelada, só se via um vulto negro, quis fugir deste fenômeno, mas disse-me: “É interessante saber porque essa luz brilhante se tornou negra”.

Chegando a poucos metros, pude perceber uma esbelta mulher que se aproximava colocando-se frente a mim e guardando silêncio somente olhava-me, e lhe disse: “Quem és tu?” E ela respondeu-me: “Sou a Ninfa Mãe deste rio”. Disse-lhe: “Que fenômeno é esse que quando a vi sair da montanha era linda e brilhante e, à medida que descia, se tornava negra?”

Parece que recusava responder-me e expressando alguns gestos como de pranto e com a voz entrecortada, disse-me: “Eu vivia neste rio e tinha muitas companheiras e nos deleitávamos banhando-nos nele e

acompanhando as pessoas que até aqui chegavam para divertir-se sanamente, até que começaram a jogar neste rio toda classe de dejetos e de venenos matando a todos meus filhos, criaturas que evoluíram em suas águas”.

Nesse momento olhei em seus olhos e vi que deles se desprendiam umas lágrimas e disse-lhe: “O que fizeram as outras companheiras com as quais brincava?”, e ela disse-me: “Estão em cima na montanha onde este rio nasce”. Disse-lhe: “Por que não vieram?”, e ela respondeu-me: “Têm medo do ser humano por tanta maldade que nos tem feito”. Eu lhe disse: “Como quais maldades?”, e ela me disse: “Queres que te mostre?” Eu lhe disse: “Gostaria de vê-las”.

Nesse momento pôs sua delicada mão em minha testa e que estranho! Nesse momento pude ver o fundo do rio; ali observei toda classe de dejetos imundos, vidros, latas, plásticos, sedimentos, fetos em decomposição, ou seja, difícil encontrar palavras para descrever o que ali se via. Vi muitos poucos peixes e disse-lhe: “Por que há tão poucos peixes?” Disse-me: “Todos morreram e os poucos que ficaram estão contaminados”.

Olhando ao meu redor, vi um lugar do mesmo rio muito elegante e disse-lhe: “Por que este rio naquele lugar não está igual?”, e disse-me: “Não, filho, é pior!”, e disse-lhe: “Mas não se vê assim”, e disse-me: “Vamos ali e te mostro”.

Chegamos até o lugar, a água limpa, ao seu redor muito formoso e eu disse-lhe: “Que agradável é este lugar!”, e aquela enigmática mulher respondeu-me: “Queres ver o que existe aqui?” e eu disse-lhe: “Sim, gostaria de vê-lo”. Voltou, se aproximou e pôs sua mão em minha testa.

Nesse momento voltou aquele estranho fenômeno..., vi as águas totalmente contaminadas; vi muitos elementos de diminuto tamanho que se moviam nas águas e disse-lhe: “Que classe de elementos são os que se movem ali, e por que a corrente do rio não os arrasta?”, e ela me disse: “São fluídos, o que vocês chamam larvas, deixadas pelas pessoas que a este lugar vem para banhar-se e para fazer outras coisas que não digo, veja-as!”

Nesse momento deu-me como um pequeno sono que durou, talvez, poucos segundos, ao despertar..., outro fenômeno estranho a minha vista: “Muitas pessoas banhando-se nesse rio, divertindo-se, mas que tristeza! Desculpem querido leitor, o que conto... Alguns casais daqueles fornicavam na água, fornicavam em suas praias e em seus esconderijos e voltavam a água, ou seja, fenômeno Dantesco, verdade?”

Não quis seguir vendo este drama, preferi falar com a mulher e lhe disse: “Quero que me respondas umas poucas perguntas”. Disse-me: “Bom, com muito gosto, quais são?” Disse-lhe: “A senhora é uma mulher muito bela, muito linda, por que anda suja e com o rosto manchado?” Disse: “Porque assim está meu corpo físico, meu rio que amo tanto”. Disse-lhe: “E como se chamam as outras companheiras que estão na ribeira”. Disse: “São Ninfas”. Disse-lhe: “E por que elas não vieram ao chamado? Somente veio a senhora?” Disse: “Porque eu sou a Ninfa Deva deste rio”. Disse-lhe: “O que posso fazer para ajudá-la?”, e disse-me: “Não podes fazer nada porque esta humanidade não vai te entender. Todo mundo contamina as águas, todo mundo mata a vida”. Disse-lhe: “Então, que o podes fazer por mim, mísero humano que ando nesta sociedade?”, e ela respondeu-me: “Meu filho, aqui onde estamos não posso fazer nada por ti..., vá a nascente deste rio na montanha onde minhas águas são puras e limpas e, com a condição de que lá não nos contamines, nós as Ninfas das águas e os Devas dos bosques, limparemos teu corpo, compartilharemos como irmãos e, de lá, olharemos este lindo Planeta, que a humanidade está acabando, mas que nós o acompanharemos até o final de cada um”.

Nesse momento ela falou: “Me retiro...”, e eu lhe disse: “Estou muito agradecido por teu ensinamento”.

Nos retiramos e quando ia a certa distância, ela me chamou e disse: “Esquecia de dizer-lhe três recomendações”, e eu afanoso dirigi-me até ela e disse: “Irmão,.... tu queres ser amigo das águas e manejar as águas?” Lhe disse: “Sim, quero sê-lo”, e ela me disse: “Não jogues dejetos que envenenem as águas, limpa teu corpo de impurezas antes de lançar-te a um rio e não pronuncies palavras descompostas quando estejas banhando-te e assim nós te ajudaremos”.

AS DEVAS!

O Espaço

Muitas vezes, em minha vida, chamou-me a atenção olhar o espaço e dizia-me: “Que relação existirá entre este espaço, estas estrelas que nos iluminam, este Sol e esta Lua com nossa Terra?”

Ouvi alguns astrônomos, alguns astrólogos falarem, dando grandes explicações, por certo muito convincentes, mas aí não terminava minha interrogação...

Certo dia, estando em um lugar muito amplo, olhei ao infinito e disse a mim mesmo: “Sabem aquelas criaturas que estão lá nessa lonjura que eu existo ou que aqui existem tantas pessoas que nunca se interessaram em saber o que está no mais além, simplesmente, o que através de um telescópio os cientistas puderam observar e que nos contam através de alguns escritos, que mais que tudo se vê o dividendo e não o ensinamento?”

Foram muitas as perguntas que fazia-me naquele lugar e disse-me: “Que lindo seria para mim poder conhecer algo sobre o espaço!”

Quase divagava ante este fenômeno que em si não dava-me nenhuma resposta e disse: “Eu aprendi a meditar, aprendi a orar, o melhor é que me coloco a meditar e a fazer oração”.

Coloquei-me comodamente, fechei os olhos físicos e entrei em minha contemplação interna, imediatamente senti que alguém se aproximava, abri os olhos e não vi nada; fechei os olhos e o segui sentindo, logo falou-me dizendo-me: “O que estás fazendo é muito importante na tua vida e na vida de todo cristão, porém quero acompanhar-te em uma pequena viagem para que conheças um pouco o mundo em que andas”.

Pensei neste momento que ele tinha um avião, que tinha uma nave espacial e abri os olhos novamente e o vi.

Conversamos um pouco, disse-me: “Não te levantes de onde estás, eu também vou sentar-me comodamente”. E disse: “Meditemos primeiro na grandeza de Deus...”

Coloquei-me a fazê-lo, em pouco tempo me falou: “O que compreendeste?”, e eu lhe disse: “Impossível! Não compreendi nada”, e ele me disse: “Que bom, vais bem no exercício!”

Disse-me: “Vamos meditar sobre o espaço...”. Em pouco tempo disse-me: “O que entendeste?”, e eu lhe respondi: “Nada!” Disse-me: “Estás bem...”.

Disse-me: “Vamos meditar sobre nós...”, com pouco tempo chamou-me e disse: “O que compreendeste?”, e eu lhe disse: “Muito pouco”. E disse-me: “Por que?” Lhe respondi: “Porque não me conheço em minha totalidade”, e ele respondeu-me: “Antes de conhecer-te em tua totalidade, tens que colocar-te em comunicação e em contato com o Infinito, que és tu mesmo; tens que colocar-te em contato com Deus, que és tu mesmo; tens que vencer a mente que é tua escrava para que teu Senhor a ordene estar ao seu serviço e não trazer mais convidados a sua casa. O dia em que faças isto, poderás eliminar os elementos que não te deixam conhecer-te”.

Disse-me: “Vamos meditar, agora, sobre o espaço do mundo em que andamos”.

Entramos em meditação e logo viajamos numa nuvem e essa nuvem falava-nos aos dois e dizia-nos: “Vocês vão conhecer alguns fenômenos estranhos para o homem”.

Eu pensava que ia continuar falando-nos, porém não foi assim...

Íamos chegando a uma cidade imensa, víamos uma grande cortina de fumaça e a nuvem em que íamos se extraviou, fenômeno que chamou-me atenção, porém guardava silêncio...

Seguíamos avançando, víamos muitas terras áridas e ela se elevava um pouco para passar, outro fenômeno.

Logo disse-nos: “Vou levá-los a certo lugar do Norte”. Aproximando-se dali disse-nos: “Não posso chegar mais além porque esta zona está proibida para mim”. Eu, em minhas grandes inquietudes, quis perguntar, porém meu enigmático companheiro disse-me que guardasse silêncio.

De regresso, disse-me que observássemos o centro do oceano e vimos como ali descendiam certas matérias estranhas, ao qual não resisti mais e perguntei-lhe: “Que fenômeno é este?” Parece que fiz esta pergunta demasiadamente precipitada. Se deteve e disse-nos: “Como vejo que quer saber estas pequenas coisas que lhe mostrei e não outras demasiadamente transcendentais que deveria saber, procederei a explicar-lhe”.

“A fumaça da cidade produz em nós, as nuvens, um envenenamento que nos impede de levar a água para as chuvas, produzindo alterações térmicas no espaço”.

“O não poder aproximar-me de certo lugar do oceano do Norte, é porque ali estão escapando do interior da terra certos gases que, se me aproximo de lá, originaria um tornado”.

“E o fato de cair no fundo do oceano alguns estranhos sedimentos que vocês daqui veem, não são outra coisa que fluídos emanados do interior da terra que nem a atmosfera, nem nós, as nuvens, podemos desintegrar e voltam a cair sobre as águas do mar e isso é tudo”.

Nesse momento eu quis dizer-lhe: “Que efeito sofremos, nós mortais, na terra, por este fenômeno?”, e me disse: “Não sei se estás preparado para sabê-lo, porém dou a resposta”.

“Primeiro os gases que escapam no Norte, produzirão ciclones que arrasarão as costas”.

“A fumaça das grandes cidades produzirá o reaquecimento atmosférico e haverá verões mortais em alguns locais do Planeta e chuvas torrenciais e fatais em alguns outros lugares”.

“Onde mais tenha reaquecimento, haverá verões e onde se condense o frio, haverá chuvas”.

“Os sedimentos que vão da terra ao espaço e regressam ao mar, produzirão nos oceanos um desespero e o mar, em seu desespero buscará sair de seu leito arrastando o que encontre no seu caminho”.

Eu, comovido com o que escutava lhe disse: “Se estas são as coisas de pouca importância, que acontece com as demais?”, e disse-me: “Entre o oito (8), o oito (8), o oito (8) e o três (3) se sucederão estas coisas: o reaquecimento atmosférico, a sedimentação do oceano desatará a violência do ar e a água e o fogo se lançarão a tentar depurar o Planeta, porém para isso é necessário que a humanidade inteira desapareça”.

Compungido e cheio de terror lhe disse: “O que podemos fazer os humanos?”, e ela produzindo certos movimentos, falou: “Todo humano pode fazer muito por si mesmo e pelos demais, porém todo humanoide, perecerá”.

Guardei silêncio e ela seguiu viagem...

Minha surpresa foi que, em pouco tempo, me vi no lugar de onde havia saído.

Ao retirar-se ouvi uma voz que dizia:

“Homem, elimina todo o falso que tens para que sejas real”.

O ESPAÇO!

O Caminho

Viajando pelo caminho da vida, conheci milhares de pessoas, cada qual com seu destino, com seu ensinamento, com sua doutrina, com sua política e, por conseguinte, com sua história e é apenas natural que eu também fazia parte deste grupo de pessoas, querendo colocar-nos de acordo, porém com uma grande dificuldade: Porque meu o caminho era diferente ao dos demais e, portanto, minha história não interessava a ninguém, nem a história dos demais interessava a mim, coisa que fazia-me pensar que seria difícil ou impossível que houvessem duas pessoas que entre si se compreendessem.

Um dia qualquer tive que viajar de um lugar a outro, por um caminho iam pessoas comigo e outras vinham em sentido contrário, nos cumprimentavam e cada qual seguia seu caminho.

Ia fazendo uma análise de minha vida e me dizia:

“Estas pessoas que me acompanham não têm nenhum problema comigo, nem eu com elas, nem as que vinham em sentido contrário tampouco tinham problema comigo, nem eu com elas e sem dúvida todos vamos pelo mesmo caminho...que fenômeno é esse?” “Por que no lar o esposo e a esposa se chocam por pequenos ideais?” “Por que os políticos chocam por seus ideais?” “Por que as pessoas reagem uns contra os outros, se ao fim e à cabo todos vamos pelo mesmo caminho? A VIDA!” Minha conclusão neste momento, foi: “Vou colocar-me de um lado do caminho e olhar melhor aos que passam”.

Nesse momento vinham pessoas de um extremo a outro extremo do caminho, todos diziam-me: “Adeus, Senhor”, eu os via... Quem ia para que lado?

Porém nenhum deles, nem os que subiam, nem os que baixavam, sabiam para onde eu ia porque estava parado vendo os demais passar, ou seja, poderiam dizer: “Ai há um homem”, porém ninguém podia dizer: “Esse homem vai ou esse homem vem”, sem dúvida era um fenômeno para mim enigmático.

Decidi sentar-me e meditar...

Em minha reflexão vi três caminhos:

- O caminho de muitos que sobem e que descem;
- O caminho que eu tomei até uma direção da terra e;
- Meu próprio caminho.

E compreendi que eu posso ir pelo caminho de todos para fazer compras, vender e passear, ou seja, como um mais, porém que ninguém saiba que eu sou um Caminhante de meu próprio sendeiro interior; que tenho uma meta, um objetivo e sobretudo, um fim... CHEGAR A DEUS!

Às Mães

Viajei por meu mundo da mente querendo encontrar palavras com as quais pudesse expressar um sentir para as Mães.

Há muitas expressões dignas delas, porém não conseguem preencher as exigências que se devem ter para as Mães.

Fui pelo mundo da imaginação e as vi rodeadas de seus filhos, de seus esposos, de seus seres queridos, porém nenhum lhes dava o estímulo espiritual e humano que elas merecem.

Muitos presentes, muitas festas..., porém pouco AMOR.

Disse a mim mesmo: “Se a mente não tem uma resposta para isto, se a imaginação não encontra um lugar adequado para elas..., onde busco algo que congratule a essas mulheres que, com tanta dedicação, legaram suas vidas à humanidade?”

Enigma indecifrável! No qual não restou-me senão um caminho para encontrar essa resposta que afanosamente eu buscava.

Foi então quando recorri ao meu mundo intuicional, buscando naquele mundo de paradisíacas belezas, de seres inefáveis, de ternura indecifrável e perguntei: “Que palavras tenho para as Mães neste dia?”, e que estranho fenômeno, não houve nenhuma resposta!

Quis regressar-me com uma frustração a minha vista, porém ao sair daquelas mansões de meu espaço intuicional, encontrei-me com uma anciã que me disse: “Por que vais?”, e eu com minha voz entrecortada, respondi-lhe: “Estive no mundo da mente buscando uma frase para as Mães em seu dia..., encontrei muitas e muito belas, porém não preenchiam minhas aspirações...”

“Fui ao mundo da imaginação e ocorreu o mesmo; quis vir ao meu mundo intuicional para levar um presente para as Mães e não o encontrei...”.

E a Venerável anciã disse-me:

“Tens razão, meu filho, não queiras satisfazer a todas as Mães com uma mesma frase, porque elas, entre si, não são iguais e as palavras para elas não podem ser iguais.”

“Eu represento a todas elas, portanto, dai-me essas palavras a mim que eu, a partir de meu coração, as compartilharei neste dia com as Mães”.

Eu, nesse momento, integrando-me em meu sentir, exclamei com grande voz:

“Tu és minha Mãe, aquela mulher que me viu nascer não nesta vida mas sim em todas. Essa mulher que me deu o Ser.”

“Essa mulher que em meu coração fez com que o Cristo se gerasse.”

“Essa mulher que vendo-me caído sempre reconheceu-me como seu filho.”

“Essa mulher que acompanha todas as minhas mãezinhas nas dores do parto, que lhes dá fortaleza para que me amamentem, que lhes inspira Amor para ensinar-me e educar-me, que lhes dá uma ternura para cobrir-me com seus afetos e carícias, que lhes inspira em sua consciência, seu valor e sua resignação para aceitar-me como sou.”

“Essa mulher que, vendo-me prostituído, semeou em meu coração uma esperança de conseguir minha Redenção”.

“Essa mulher que sua aparência é a de todas as mãezinhas que tem neste mundo e que, só sua esbelta beleza, sua ternura e seu Amor, podem preencher todos os vazios que tenho em minha mente, em meus sentimentos e em meu coração”.

“Esta insigne criatura que é capaz de renunciar à ternura, ao Amor e à Paz de seu divino esposo para estar comigo, esperando que, no mais profundo de meu coração, nasça um verdadeiro arrependimento; que é capaz de fazer-me renunciar a todas as coisas vãs deste mundo”.

“Essa mulher é minha Mãe, a Mãe de todos vós, DEVI KUNDALINI!”

V. M. LAKHSMI

Reflexões de um Investigador IV

Prólogo

O Jordão é um rio bíblico de profundas reminiscências espirituais e portador das mais exaltadas obras e mensagens que a divindade entregou aos seres humanos em toda sua extensão e ao longo de sua existência.

Em suas águas foi batizado o “Redentor do Mundo”, Jesus, o Cristo, e desde então, por seu leito não só flui a água bendita, mas também a graça de Deus que alcança a todas as criaturas que povoam este Planeta.

É um rio bíblico porque desde sempre irrigou a Terra Sagrada pisada pelo Divino Rabi da Galileia, em sua passagem pela Palestina no cumprimento de sua Obra, “A Vontade do Pai”.

Em suas margens beberam da fonte sagrada da inspiração, os Profetas que alcançaram encarnar a sabedoria divina, a qual logo lhes permitiu entregar à humanidade, as mensagens e orientações que lhe serviram de guia para chegar ao Céu.

Porém o mais extraordinário e transcendental deste rio, não são somente os milagres e a manifestação tangível das Hierarquias Divinas no passado, que se plasmaram em suas águas há mais de 2.000 anos, mas também a mensagem fresca e atual, a “Profecia para este tempo” desvelada à humanidade neste livro Reflexões de um Investigador IV, que pela misericórdia de Deus, nos entrega o V.M. LAKHSMI, e que tal como o fez em seu momento o “Salvador do Mundo”, também o faz este Ser Celestial em cumprimento de sua Obra, consciente de que com ela faz a Vontade do Pai que mora em segredo.

O povo gnóstico do mundo pode apreciar a claridade e a profundidade da Mensagem que nos entrega este grande Mestre da Bendita Loja Branca. Quem tem a honra de escrever estas palavras preliminares, sem mérito ante tal majestade, bebeu serenamente do manancial inesgotável de sabedoria contida em suas obras, muito especialmente nas que precedem a que você tem em suas mãos, amável leitor, Reflexões de um Investigador, em suas três versões entregues anteriormente.

Não obstante, Reflexões de um Investigador IV, e sim que com isso reste um ápice de importância a alguma das obras anteriores, nem se tenta superar a sabedoria diamantina entregue por este “Imortal Ser” em conferências, cursos e convivências, é portador de uma mensagem que merece ser conhecida, analisada e compreendida em totalidade, porque não só se trata de entregar uma sabedoria emanada do alto, como de fato o é, senão para fazer uma advertência sobre o que espera à humanidade; da realidade dos fatos que se abrem ante nossos olhos, a qual não podemos evadir, passar de lado ou ignorar, porque se trata de um desiderato cósmico: “A CHEGADA DOS TEMPOS DO FIM”.

Queira Deus e as Divindades que se abram nossos sentidos e que nossa consciência seja suficientemente receptiva para aprender a Mensagem e captar o profundo significado das Revelações que esta venerável anciã, a Mãe Natureza, revelou ao nosso amado Mestre, a qual ficou plasmada nesta obra, como fiel testemunho do profundo amor que ele sente pela humanidade e para que logo, quando nos encontremos envoltos e frente à terrível realidade dos fatos, não se diga que não fomos advertidos.

Infinitos agradecimentos, Venerável Mestre Lakshmi e que a Divindade continue lhe entregando as chaves precisas para a liberação de todos os seres humanos, reveladas a nós através de seu Verbo de Fogo e em suas Obras escritas com carvões acesos e que resplandecem como diamantes preciosos entre os Textos Sagrados, portadores da Mensagem dos Deuses, entregues desde sempre e para sempre à humanidade.

Eleutério Martínez

Meus testemunhos sobre o Jordão

Aqui narrarei alguns acontecimentos correspondentes a minha vida, à humanidade e ao planeta, talvez em momentos como se fossem cenas escandalosas que fazem pensar que foram acontecimentos dantescos que nada tiveram a ver com este mundo tridimensional em que todos vivemos. Alguns tristes de viver, outros emocionantes por viver, alguns outros simplesmente esperando um amanhã difícil de entender e muito menos de compreender, porém de toda maneira é a vida, é um drama.

Quantos quiseram que melhor lhes narrasse como se fosse uma novela ou simplesmente capítulos da Divina Comédia ou das Mil e uma Noites!

Encontrando-me em um momento da vida, compungido e mais que tudo reflexivo, lendo algumas passagens bíblicas, vendo nelas profecias muito pouco agradáveis, como é apenas natural, disse-me: “Que lindo seria que todos nossos irmãos compreendessem que tudo o que passou, está passando e o que vai passar, já está dito”, porém disse-me: “Será que há algo mais e como fazer para sabê-lo?”

Preferi deixar o livro ao meu lado e colocar-me a contemplar meus questionamentos, ver voar algumas aves, ver as nuvens moverem impulsionadas por um instinto natural; isto foi questão de um tempo... pouco a pouco foi vindo a mim o Sumun dos mistérios, comecei a ouvir muitas vozes em forma de coros celestiais, eram nada menos que o sussurro das montanhas produzido por milhares de criaturas conscientes do momento e do destino que espera a todos nós.

Havia passado algum momento, e disse-me: “Quisera estar mais além para escutar melhor”; foi assim como fui levado ao lugar indicado, talvez muito próximo, o certo foi que a viagem não durou muito tempo.

Nos encontramos naquele majestoso lugar rodeado por paredes de cristal, cheias de encanto e de mistério, porém ao seu redor vegetação e talvez muitas espécies de animais, cada qual emitindo sons que indicavam terror, espanto e dor.

Uma Venerável Anciã apertava sobre seu terno peito um pequeno recipiente que melhor parecia um cálice transparente. Olhei em seu rosto, vi que de seus olhos saíam algumas lágrimas que expressavam uma dor profunda, sinceramente aquele olhar traspassou meu coração e compreendi que era a Mãe, aquela Mãe que tanto falamos. Me revesti de valor e lhe disse: “Mãe, o que posso fazer por tua dor?” Olhando-me fixamente me disse tudo; assim entendi, moveu os braços trêmulos e me disse: “Meu filho, filho de minha alma, isto tem que se cumprir, assim está escrito; portanto, nada podes fazer, porém olha, escuta o que te vou dizer como testemunho da dor que tenho”. Nesse momento me deu o poder e a faculdade de entender tudo o que expressavam aquelas criaturas que existiam ao redor deste lugar Sagrado. Seria impossível poder enumerar nestas linhas aquela cena em que cada uma destas criaturas expressava a dor e contava o drama do que havia sido sua evolução.

Cada uma destas criaturas animais narrava o que havia vivido em tantas idas e vindas de sua evolução; uns haviam morrido no ventre de sua Mãe, enquanto outros escassamente haviam nascido e haviam sido presas dos depredadores, outros haviam conseguido crescer, porém não haviam tido o direito de ter um companheiro de sua espécie para reproduzir-se; outros haviam sido mortos, deixando no abandono seus filhos. Cada uma destas experiências era narrada pelos DEVAS de cada uma dessas espécies; porém meu assombro era que o narravam com a voz da Venerável Anciã que estava aos meus pés.

As montanhas rugiam e como exalando profundos suspiros, cada uma destas árvores e vegetação, narravam suas experiências, tristes se lamentavam de não terem podido em sua evolução passar a outra espécie, onde ao menos pudessem se mover ou tratar de fugir do pior depredador: o Homem.

Assim foi passando por meus ouvidos e meus olhos, cenas verdadeiramente escandalosas, a vegetação, em sua narração, dizia ter conhecido a Síntese da Lei que deveria cumprir, que era conhecer ao que outrora foi seu Rei: o homem, e vê-lo não como seu rei, mas sim como seu destruidor, um rei caído, perdido por suas ambições, pelo desejo de poder. Nessa ordem de coisas, cada uma destas criaturas aspirava chegar a ser rei para acabar com a injustiça que fez com que fossem destruídos; assim a voz de cada um dos animais ia contando a experiência de ter conhecido um planeta cheio de fertilidade, guiado pelo Homem, porém ter conhecido por sua vez ao Homem, esse rei caído, destruído pela ambição, invadindo e destruindo o território de seus irmãos menores.

Já disse, em meu coração não havia outra coisa que o assombro de saber que os primeiros que conheceram a queda do homem foram os elementos e os elementais que Deus e a Natureza lhes deu para que os guiasse e os orientasse em sua evolução.

Terminado em parte esta narração, voltei meus olhos e olhei para a Anciã, estava chorando e lhe disse: “Mãe, posso me retirar? Estou compungido e com dor”, disse-me: “Meu filho, filho de minha alma, quero mostrar-te algo mais”; assim foi que baixei o rosto e senti uma pequena brisa como símbolo de vida e de alegria; foi em fração de segundos que me vi com ela em pé sobre uma enorme pedra e disse-me: “Olha isto”, comecei a olhar e vi um rio de águas negras, nauseabundas, que expeliam de seu interior borbulhas de variadas cores, mais pareciam ter uma certa espessura, própria de sua imundice e disse-me: “Meu filho, neste rio Jordão, símbolo de triunfo, símbolo de vida, símbolo de poder, foi batizado o REDENTOR DO MUNDO”.

Todos os rios e arroios de águas puras são símbolos deste Jordão. Você sabia que o Jordão é o Rei dos Rios? Nem o Amazonas, nem o Nilo são superiores ao Jordão porque estão iguais.

Neles já não há vida, é muito escassa, morreram, já não há onde tornar a batizar o REDENTOR, eu lhe disse: “Mãe, eu a entendo, porém verdadeiramente meu coração não suporta continue narrando-me estas cenas”, e disse-me: “É necessário que me escutes”, e disse-me com grande ênfase: “Porque tu foste testemunha em um amanhecer, de como foi entregue ao homem um planeta para que nele reinasse, porém ao longo do tempo fez um mundo de sistemas e nesse mundo reinou sobre o homem e o homem enfeitado e embelecido se lançou a sua destruição e a destruição do planeta em que vive”.

“É necessário que compreendas, meu filho, que há um povo que contribuiu para matar a vida, porém que se arrependesse, o prodígio da vida continuará lhe mantendo e guiando como testemunho do amor e da graça do REDENTOR e servirá para formar um novo mundo, novas terras, novos céus e algo mais, novos homens dotados da graça pela misericórdia, dotado de um talento, de um equilíbrio para continuar nesta longa viagem da evolução”.

Pensei nesse momento que minha experiência tinha terminado e disse-lhe: “Mãe, tenho muitas perguntas, porém creio que o que me disse, vi e ouvi sejam suficientes por agora”, e disse-me: “Compreendeste o significado da Vida?”, e eu lhe disse: “Sim”, e disse-me: “Narra-me”, eu lhe disse: “A Vida é o CRISTO, a Vida é tudo o que palpita na Natureza com um hálito de Deus”, e ela me respondeu: “Sim, está certo, porém para que tu conheças a razão da Vida, tens que conhecer na própria carne a razão da Morte e de quem a

executa. Olha meu filho, observa o horizonte, ali podes ver a decomposição que existe em tudo o que é, o que foi; os encantos que outrora foram a expressão e a alegria dos Deuses e dos homens”.

Olhando aquele horizonte pude ver como emergia das infradimensionais as emanções venenoskirianas, como nuvens negras, espessas, quase sólidas, que ao passarem, pela atmosfera iam matando os vestígios vitais do planeta e da vida, espetáculo algo mais que dantesco, assombroso; e ela me dizia: “Olha como a Vida morre! Se o homem não tivesse se pervertido, como o fez, não teria ocorrido a liberação destas substâncias abismais que vão destruir em sua totalidade a Vida.”

Guardamos os dois um pequeno silêncio e eu lhe disse: “Mãe, então onde fica a Vida?”, e ela me disse: “O demônio não é nunca mais que Deus, olha a Vida onde fica”; eu olhei ao meu redor e disse-lhe: “Minha Mãe, não entendo, não vejo a Vida”, ela me disse: “Olhai-a bem, olha em todo o meu redor”, e tornei e lhe repeti: “Não posso vê-la e não entendo”, olhei o firmamento e ela me disse: “Abaixa o rosto e olha a Vida”. Que experiência assombrosa para mim, quando pude ver que no interior do nosso afligido planeta brilhava como um diamante precioso, como um sol, a vida, aquela que florescerá quando houver terras novas, céus novos e portanto homens de verdade!

Eu fiquei abatido, lhes digo, meus irmãos, que quase não entendia, surpreendido, ela me entendeu e disse-me: “Meu filho, filho de minha alma, o que hoje é, amanhã não é, não te maravilhes do que estou te dizendo, simplesmente te convido para que compreendas o mistério, onde hoje está a Vida, amanhã é Morte, onde hoje está a Morte, amanhã será Vida, esse é o mistério do AEON TREZE, o mistério de Deus. A Morte se lança sobre a Vida, o mundo em que está lhe prende, porém não lhe tira o direito de ser Vida”.

Sinceramente lhes digo, queridos irmãos, que não tinha palavras para expressar o que entendia nesse momento e me disse: “Olha ao teu redor”; pude contemplar a triste realidade, o mundo estava composto de matérias descompostas sobre as quais a humanidade andava; caíam das alturas raios de luz infravermelhas que cegavam as pessoas; continuavam as emanções do averno e tudo se compenetrava formando verdadeiros conciliábulos, grandes exponents religiosos, políticos, sociais, educadores que de suas gargantas e sua palavra só saíam línguas de fogo infravermelhas que devoravam a consciência humana... abaixei o rosto, era impossível suportar o que via e ela me disse: “Por que te abaixas meu filho?”, lhe respondi: “Não suporto mais”, e me disse: “Tu te comprometeste a ser o MENSAGEIRO que contará à humanidade estas coisas”, e eu lhe disse: “Minha Mãe, em parte conto muitas coisas e creio que não me creem”, e me disse: “Sempre foi assim, a humanidade não crê nestas coisas, porque vão como testemunha da maldade que o próprio homem produziu sobre a terra, porém diga-o como testemunho das Escrituras que guardam em seu interior a sentença que cairá sobre o homem por sua própria iniquidade.”

Guardou um pouco de silêncio e me disse: “Já para despedir-nos, te mostrarei o seguinte, olha-me bem”, levantei o rosto e fiquei vendo-a; meus irmãos, que surpresa tive ao ver que dentro dessa Venerável Anciã se viam novos mundos, novas terras, novas águas cristalinas, rios cristalinos, selvas, uma humanidade de ouro! Pensei que estava hipnotizado por aquele encanto e disse-lhe: “Minha Mãe, não estou vendo a ti, estou vendo a um mundo novo”, e uma voz angelical me respondeu: “Olha meu rosto”, quis determina-la e vi a uma Virgem de imaculada beleza e lhe disse: “Que aconteceu com o rosto que tinha anteriormente?”, e me respondeu: “Esse rosto de dor, de angústia e de amargura é o que na atualidade tenho pelo sofrimento e pela dor que me causa meu filho, o Homem. Matou por seu mal comportamento, toda a beleza do planeta que lhe entregamos para que dirigisse. O homem se fez merecedor de morrer nos mais espantosos sofrimentos, justamente pelo comportamento que teve para com a Vida, com o mais lindo que há sobre a terra: A VIDA”

e continuou: “Todos estes rios cheios de lixo, de contaminação e de morte, multiplicarão suas imundices e essas serão as águas para acalmar a sede. Todas estas terras estéreis, envenenadas e mortas, não estarão dispostas a dar frutos a quem a matou, todos estes ares que anteriormente foram limpos e puros, se multiplicarão neles os hidrogênios tóxicos e venenosos. O homem em seu desespero buscará, como dizem as Sagradas Escrituras, à morte e a encontrarão, porém muito lenta; cada dia se multiplicará o ódio do homem pelo homem, se multiplicarão os problemas de toda índole; os ares rugirão como leões embravecidos anunciando o final; os mares transbordarão e suas águas embravecidas tragarão a todos os navegantes; as terras se partirão saindo do meio delas o fogo que destruirá a atmosfera; cidades e povos ficarão sepultados; o homem correrá de um lado para outro e onde quer que vá o desespero será pior.”

Guardou silêncio e disse: “Meu filho, os tempos do fim chegaram, prepara-te!” Eu lhe disse: “De que forma me preparo?” E me disse: “Filho de minha alma, lembra que tu não és uma pessoa, tu és um povo, prepara-te, tu és um Apóstolo e o Apóstolo vive por três coisas e para três coisas - PARA APRENDER - PARA ENSINAR e - PARA SABER MORRER”.

O JORDÃO

V. M. LAKSHMI